



PSICANÁLISE

Leopoldo Fulgencio

# Teorias psicanalíticas do desenvolvimento

*Estudo histórico-crítico-comparativo*

*Volume 1: Origens e Consolidação*

**Blucher**

**FAPESP**

TEORIAS  
PSICANALÍTICAS DO  
DESENVOLVIMENTO

*Estudo histórico-crítico-comparativo*  
*Volume 1. Origens e consolidação*

Leopoldo Fulgencio

*Teorias psicanalíticas do desenvolvimento: estudo histórico-crítico-comparativo*  
(Volume 1. Origens e consolidação)

© 2022 Leopoldo Fulgencio

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonatas Eliakim

*Produção editorial* Lidiane Pedroso Gonçalves

*Preparação de texto* Maurício Katayama

*Diagramação* Negrito Produção Editorial

*Revisão de texto* Vânia Cavalcanti

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa* iStockphoto

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
contato@blucher.com.br  
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme  
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua  
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,  
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da  
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fulgencio, Leopoldo

Teorias psicanalíticas do desenvolvimento :  
estudo histórico-crítico-comparativo (vol. 1.  
origens e consolidação) / Leopoldo Fulgencio. –  
São Paulo : Blucher, 2022.

324 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-390-5

1. Psicanálise 2. Psicologia do desenvolvimento  
I. Título.

22-5154

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Agradecimentos	9
Origem deste livro	11
Prefácio	15
<i>Maria Thereza Costa Coelho de Souza</i>	
Prefácio: Inteligência e sensibilidade no encontro da epistemologia com a psicanálise	19
<i>Rogério N. Coelho de Souza</i>	
Introdução	27
1. Teorias do desenvolvimento e teorias psicanalíticas do desenvolvimento: proposta de análise histórico-crítica comparativa	65

2. Freud e a teoria do desenvolvimento da sexualidade como o primeiro esboço de uma teoria plena do desenvolvimento emocional	89
3. Anna Freud e a consolidação da teoria psicanalítica como uma teoria plena do desenvolvimento	121
4. A teoria do desenvolvimento das relações de objeto e da organização do Ego do ponto de vista de René Spitz	159
5. A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson	197
6. A teoria da individuação de Margaret Mahler como uma teoria do desenvolvimento emocional nas fases primitivas	229
Apêndice. A epistemologia genética de Jean Piaget como uma teoria do desenvolvimento das estruturas cognitivas	273

# 1. Teorias do desenvolvimento e teorias psicanalíticas do desenvolvimento: proposta de análise histórico-crítica comparativa

Neste capítulo, dedicar-me-ei a explicitar, em primeiro lugar, as *teorias do desenvolvimento*, sua natureza, as características que as distinguem de outras teorias psicológicas sobre o modo de ser do ser humano, bem como a apresentação do quadro e estrutura geral desta área de estudo e de pesquisa da psicologia dedicada às teorias do desenvolvimento. Nesse sentido, apresentarei os campos e os tipos de teorias geralmente considerados, bem como o fato de que, em geral, nos manuais dedicados a apresentar este campo do conhecimento,<sup>1</sup> a perspectiva psicanalítica é pobremente considerada, reduzindo-se a citar Freud e Erikson, ao que parece, muito mais como um dado do passado do que uma proposta de validade e utilidade atual – com exceção do livro *The Cambridge Encyclopedia of Child Development*,<sup>2</sup> que traz um panorama mais amplo das

---

1 Ver, por exemplo: Boyd & Bee 2011; Cobliner 1965; Crain 2000; Lerner 1976; Miller 1989; Papalia & Feldman 2012; Steinberg 2011; Thomas 2005; Tyson & Tyson 1990.

2 Hopkins, Barr, Michel & Rochat 2005.

teorias psicanalíticas do desenvolvimento, ainda que reserve um espaço pequeno para a psicanálise.

Neste livro, ocupo-me, por assim dizer, de mostrar uma maior amplitude das contribuições da psicanálise nesta área, seja em termos históricos, seja em termos da sua atualidade e valor heurístico, explicitando suas teorias e suas descrições empírico-factuais dos fatos e dinâmicas do desenvolvimento socioemocional.

Tenho dois objetivos que se complementam: por um lado, explicitar como os psicanalistas entendem o desenvolvimento emocional, seja em termos teóricos, seja em termos descritivo-fenomenológicos; e, por outro, tendo feito esta apresentação de forma sistemática, organizada e padronizada, poder demonstrar as contribuições dos psicanalistas para o campo das ciências ou teoria do desenvolvimento, mostrando que os dados apreendidos pelo método clínico-subjetivo da psicanálise podem se articular, estimular e comunicar-se com os dados apreendidos pelos métodos de observação objetiva de outras perspectivas teórica desenvolvimentistas. Cada um dos capítulos deste livro mostra uma possibilidade de comunicação, uma ponte nos seus alicerces e na sua pavimentação, mas que ainda precisará ser preenchida com as efetivas comunicações e diálogos entre as teorias que podem, agora, usar essa ponte.

### *1.1 O modo de ser do ser humano e sua condição essencial de ser formador-criador de mundos*

Nosso ponto de partida, no entanto, não será a análise das diversas teorias sobre como o homem transforma-se, partindo de um estado inicial ainda inapto e imaturo para estar no mundo a fim de, então, num longo processo, alcançar a possibilidade de ser um cidadão do mundo; será, sim, o fato de que o ser humano *não*

*nasce pronto*, o fato de que o ser humano, enquanto tal, é uma criação propriamente humana. Para indicar, aqui, alguns aspectos dessa maneira de conceber o homem, como forma de pontuar o fato de que o homem, na sua organização emocional-cognitiva, individual e socialmente, é uma criação humana, um efeito de um processo de desenvolvimento que não é redutível nem tem seus principais determinantes na sua constituição biológica, retomarei, ainda que de maneira muito rápida, o ponto de vista de Kierkegaard e Heidegger.<sup>3</sup>

Para Kierkegaard, o homem não é um dado, um móvel pré-fabricado, mas é *o que ele mesmo fizer de si mesmo*. Tendo uma vida mais ou menos autêntica, Kierkegaard remete o homem ao fato de que isso corresponde a uma *decisão* que todo homem é obrigado a tomar, ou seja, que o seu modo de vida, de uma maneira ou de outra, está referido à própria estrutura da existência humana. Ou seja, a *angústia* e o *sentimento de culpa*, que caracterizam o ser humano, derivam da própria estrutura do modo de ser do ser humano, que é responsável pelas suas escolhas, responsável pelo que ele é.

Por sua vez, para Heidegger, o homem – na sua terminologia, para caracterizar, entre os entes, a especificidade e a estrutura do homem, o *Dasein* (o ser-aí), como sendo, pois, o modo de ser específico do ser humano no mundo que o faz ser diferente dos outros entes – tem, como característica essencial, o fato de que ele *cria a si mesmo e o mundo no qual vive*. Heidegger se refere ao *Dasein* caracterizando-o como *ser-come*, *ser-no-mundo*, *ser junto a*, *subsistir-por-si-conjuntamente*, *ser-um-com-o-outro*, *ser-para-a-morte* etc., querendo, com essas expressões, marcar que o homem *só-se-faz-no-mundo-com-outros-homens*, que o homem é o único que tem uma relação de apreensão e compreensão do que é a finitude

---

3 Cf. Ellenberger 1958, 1961.

ao longo do tempo (passado, presente, futuro) refletida sobre si mesmo, sobre os outros homens e os outros existentes que fazem parte da sua vida. Ao diferenciar o que é o mundo para uma pedra, para os animais e para o homem, Heidegger afirma: “1. A pedra (o material) é *sem-mundo*; 2. o animal é *pobre de mundo*; 3. o homem é *formador de mundo*”.<sup>4</sup>

Nesta perspectiva, a biologia pode fornecer uma base material para a existência, mas é a vida com outros homens, a relação humana propriamente dita, que cria os aspectos psicológicos (tanto cognitivos como afetivos e identitários) do ser humano. Esta concepção sobre o que é o homem, a qual poderíamos caracterizar como a do *existencialismo moderno*,<sup>5</sup> pode ser expressa de diversas

---

4 Heidegger 1983, p. 207.

5 Ellenberger, ao agrupar na rubrica *existencialismo moderno* autores como Husserl, Kierkegaard, Jaspers, Heidegger e Sartre, procura fazer uma distinção importante diferenciando o que essa expressão pode significar no campo da filosofia e o que pode significar no campo da ciência (em especial, no campo da prática psiquiátrica e da psicoterápica, referindo-se à fenomenologia psiquiátrica [Minkowski], à psicologia existencialista [edificada sobre a obra de Sartre], e à *Daseinanalyse* [Binswanger]). Diz Ellenberger: “O que é a fenomenologia e a análise existencial do ponto de vista clínico? Talvez seja conveniente começar esclarecendo o que elas não são. Ao contrário de um juízo corrente, não representam uma introdução desconcertante da filosofia no campo da psiquiatria. É verdade que existe uma corrente filosófica denominada Fenomenologia, fundada por Edmund Husserl, e que existe outra corrente filosófica, chamada Existencialismo, cujos principais representantes são Kierkegaard, Jaspers, Heidegger e Sartre. Mas existe um abismo entre a fenomenologia filosófica de Husserl e a fenomenologia psiquiátrica de Minkowski, tal como entre a filosofia existencialista e o método psiquiátrico denominado *análise existencial*. Analogamente, existe um ramo da física que se ocupa da investigação dos raios X, assim como existe um ramo da medicina, a radiologia, que se ocupa da aplicação dos raios X para fins médicos. E, sem dúvida, ninguém considera que a radiologia médica seja uma intromissão desconcertante da física nos domínios da medicina. De modo parecido, os psiquiatras fenomenologistas e os analistas existenciais são psiquiatras que utilizam certos conceitos novos da

maneiras, todas elas marcadas pelo fato (ou máxima existencialista), que considera: *o homem é o que ele fizer de si mesmo; a sua existência precede a sua essência; o homem é o único dos entes que forja a si mesmo; o homem cria a si mesmo, ao mundo em que vive e o outro.*

A organização e a constituição do que é o ser humano, em termos das suas características – inteligência, identidade, genialidade, homossexualidade, heterossexualidade, constituição psicoafetiva de gênero, perversidade, impulsos antissociais, impulsos assassinos, sentimentalidade, falta de afetividade, criatividade etc. –, não são fruto apenas de seus *gens*, fruto das suas determinações biológicas. O ser humano é uma criação afetiva, cultural, e seus modos de ser advêm de sua formação junto com os outros homens, advêm das suas relações com seu meio de sustentação existencial advêm da conjunção entre a sua singularidade e todas as influências e ações do seu meio ambiente inicial, do meio ambiente que o sustenta ao longo do tempo, possibilitando (ou dificultando) seu desenvolvimento.

Esta condição humana, este fato de que o ser humano, o novo membro de uma comunidade, deve ser educado, constituído, para fazer parte daquele grupo, é algo que os diversos tipos de agrupamentos humanos sabem e realizam. Em todos eles, há um processo educativo, um processo formativo, mais ainda, há uma preocupação e uma atitude educacional, com instituições sociais que se ocupam dessa tarefa.<sup>6</sup> No mundo ocidental, com foco em nosso início na Grécia antiga, a educação dos jovens para que venham a

---

filosofia como instrumentos da investigação psiquiátrica” (Ellenberger 1958, p. 92).

6 Althusser (1975) reconheceu estas instituições denominando-as de “aparelhos ideológicos”, ainda que as concebendo no quadro das sociedades com Estado, exercendo a tarefa necessária para constituir adequadamente os seus integrantes.

ser cidadãos corresponde a uma preocupação tanto teórica como prática.<sup>7</sup> Se seguimos essa linha de raciocínio, centrada na reflexão e prática da educação, veremos, na história do homem, uma longa série de propostas dedicadas a esta tarefa.

De uma maneira ou de outra, trata-se de acompanhar o desenvolvimento do ser humano, a sua organização cognitiva e afetiva ao longo do tempo, da sua origem à sua infância, adolescência, maturidade, velhice e morte. Neste processo, descrito pelas teorias do desenvolvimento, há alguns pontos ou marcos fundamental-estruturais. Note-se, por exemplo, um comentário de Kant, no seu *Antropologia do ponto de vista pragmático*, apontando o grande acontecimento do desenvolvimento que caracteriza a conquista do Eu:

*Que o ser humano possa ter o eu em sua representação, eleva-o infinitamente acima de todos os demais seres que vivem na Terra. É por isso que ele é uma pessoa, e uma e mesma pessoa em virtude da unidade da consciência em todas as modificações que lhe possam suceder, ou seja, ele é, por sua posição e dignidade, um ser totalmente distinto das coisas, tais como os animais irracionais, aos quais se pode mandar à vontade, porque sempre tem o eu no pensamento, mesmo quando ainda não possa expressá-lo, assim como todas as línguas têm de pensá-lo quando falam na primeira pessoa, ainda que não expressem esse eu por meio de uma palavra especial. Pois essa faculdade (a saber, a de pensar) é o entendimento. Mas é notável que a criança que já sabe falar suficientemente bem começa, no entanto, bastante tarde a falar por meio do eu (talvez bem depois de um*

---

7 Veja Foucault 1976, 1984a, 1984b; Jaeger 1936.

*ano), tendo até então falado de si na terceira pessoa (Carlos quer comer, andar etc.), e uma luz parece se acender para ela, quando começa a falar por meio do eu: a partir desse dia nunca mais volta a falar daquela outra maneira. — Antes simplesmente sentia a si mesma, agora pensa em si mesma — A explicação desse fenômeno poderá custar bastante ao antropólogo.<sup>8</sup>*

Seria possível retomar o conjunto de obras e propostas dedicadas à questão da educação e da formação dos indivíduos que comporão e/ou compõem uma determinada sociedade, inclusive com o delineamento de papéis muito específicos (nos seus comportamentos) para que um indivíduo seja caracterizado como louco, excêntrico, bobo, gênio etc. Dado determinado contexto, com papéis sociais estabelecidos, o indivíduo é apreendido e tem seu modo de vida amoldado a estas possibilidades.<sup>9</sup> No entanto, não se trata, aqui, de fazer uma análise da história do desenvolvimento das ideias até o momento em que teríamos chegado à formulação intencional, descritiva e teórica do processo de desenvolvimento do ser humano (físico, cognitivo ou socioemocional), na compreensão das teorias do desenvolvimento como constituindo um campo específico de estudo da psicologia como ciência,<sup>10</sup> mas sim caracterizar a natureza e a organização dinâmica do que são as teorias do desenvolvimento, especificar as primeiras propostas plenas nesse sentido, bem como mostrar o quadro atual dessa área da psicologia.

---

8 Kant 1798, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, p. 27.

9 Os trabalhos de Foucault (1972, 1977, 1988) mostram claramente como há este tipo de formatação dos lugares sociais e dos significados dados aos modos de ser.

10 Para isto há diversos manuais que se ocupam deste tipo de análise: Boyd & Bee 2011; Bremmer e Wachs 2014; Lerner 1976; Miller 1989; Papalia & Feldman 2012; Salkind 2004.

## 1.2 *Quadro geral das teorias do desenvolvimento*

A primeira necessidade é saber o que é uma teoria do desenvolvimento e o que a difere de outros tipos de teorias (filosóficas, sociológicas, históricas e psicológicas) que abordam os modos de ser e estar do ser humano no mundo. A preocupação com a caracterização do que é o ser humano, o que ele vive e procura, como passa do mundo infantil para ser um membro de um determinado grupo social, a compreensão de suas capacidades (sua inteligência, memória, percepção, criatividade), seus modos de sofrer, suas possibilidades de amar, de agredir, de acreditar em Deus, de suicidar-se, de produzir o belo e o inominável etc. tem sido objeto dos diversos modos de produzir o conhecimento (na filosofia, na religião, na arte, na ciência, em todas as formas organizadas ou não de produzir o conhecimento). No entanto, a consideração de que há uma linha de desenvolvimento, com fases, etapas, dinâmicas específicas e progressivas (sejam justapostas, sejam se ultrapassando) e de que o processo de compreensão de como o homem progride (na saúde e nos casos de patologia) na aquisição e realização de suas capacidades físicas, cognitivas e socioemocionais corresponde a um campo específico da ciência, um campo da psicologia que visa explicar e descrever o desenvolvimento, ou seja, de modo sintético, o campo das *teorias do conhecimento*.

Uma teoria do desenvolvimento corresponde, pois, a uma compreensão na qual está inserida a tentativa de descrever, em diversas fases que se sucedem, buscando a maior universalidade possível, o processo que leva o ser humano da sua origem até o momento da sua retirada da existência. Ela busca apresentar uma compreensão global, não reduzida nem focada em alguns fenômenos, capacidades ou contextos, específicos, ainda que estes estejam sempre presentes e devam ser levados em conta.

Assim temos, por um lado, a diferença entre teorias focais ou sobre temas pontuais e as teorias que se propõem a pensar na linha geral global do desenvolvimento. Nessa mesma direção, me parece ser importante diferenciar as teorias sobre a *crianças* e as teorias sobre o *sujeito*. Uma *teoria sobre a criança*, por sua vez, parece focar sua atenção em aspectos ou mesmo momentos específicos desse desenvolvimento, ou seja, a uma fase do ciclo de vida (uma fase, estágio ou momento da vida), por oposição a outras (adolescente, adulto, velho). Certamente, uma teoria geral do desenvolvimento deverá levar em conta aquilo que a psicologia da criança tem a dizer, mas deve também, por sua vez, integrar esses conhecimentos numa linha geral do tempo, que segue da origem até a maturidade, com todas as outras fases existenciais (suas especificidades dinâmicas, seus desafios, tarefas, integrações, perturbações) em diversos campos existenciais, em diversas idades, seja em termos individuais, seja sociais. Por sua vez, uma *teoria do sujeito* centrará sua atenção num dos processos específicos do desenvolvimento do ser humano, que é o da constituição da unidade do sujeito psicológico (a constituição e/ou a passagem experiencial de sentir o eu, para ter o eu); este sujeito pode ser tanto o sujeito que conhece ou pode conhecer (seja a si mesmo e aos outros, seja o mundo) como o sujeito que age (intelectiva e afetivamente) no mundo, nos outros e em si mesmo. Essa constituição da unidade do sujeito psicológico tem sido abordada (descrita e teorizada) de diversas maneiras, com semânticas díspares, distinguindo problemas (sociais, culturais, individuais, relacionais etc.). Certamente uma teoria do desenvolvimento no seu sentido pleno deverá levar em conta aquilo que as psicologias do sujeito têm a dizer, com a diferença de que devem integrar esse foco específico e agregá-lo com outros temas do desenvolvimento.

Uma teoria plena do desenvolvimento deveria, pois, fornecer: uma compreensão e descrição das conquistas e dinâmicas de todo

o processo de desenvolvimento, fase a fase, focada no que ocorre na saúde ou no chamado desenvolvimento “normal”; uma compreensão dos processos em que há problemas no desenvolvimento, com uma explicação da origem psicogênica das psicopatologias e distúrbios afins, o que implica a compreensão das dinâmicas dos modos de ser patológicos relacionais inter-humanos; a possibilidade de utilizar essas descrições e entendimentos para ações objetivas nesse processo, contribuindo para realizar ações tanto preventivas como curativas; a compreensão teórica e descritiva da vida relacional com o outro, com os grupos, com a vida cultural; teorias sobre a constituição do eu, da inteligência, da relação com a realidade, do processo que leva à diferenciação entre o eu e o mundo, da gênese e do desenvolvimento do pensamento simbólico etc. Evidentemente, nenhuma teoria abarca todos os problemas e tem solução para todos eles; trata-se mais, aqui, de marcar qual seria o horizonte ou *télos* de cada uma das teorias do desenvolvimento.

Assim, ainda que possamos reconhecer ao longo da história uma longa série de estudos (tanto especulativos como descritivos) sobre o que caracteriza o ser humano em suas diversas idades, em seu desenvolvimento, a constituição de teorias que pudessem fornecer uma descrição consistente, sequencial, das fases, tarefas e conquistas do desenvolvimento só surgiram, efetivamente, no início do século XX, com as propostas de Piaget (no campo do desenvolvimento cognitivo) e de Freud (no campo do desenvolvimento afetivo): “A psicologia genética de Piaget é, ao lado da psicanálise, a única psicologia do desenvolvimento que conseguiu construir uma rede coerente de proposições, que expõe o desenvolvimento psicológico e explica o comportamento”.<sup>11</sup>

É interessante notar, no entanto, que nem Freud nem Piaget tiveram, inicialmente, a intenção de elaborar teorias do desenvol-

---

11 Cobliner 1965, p. 265.

vimento; eles estavam interessados em seus problemas específicos: em Piaget, como se desenvolve e organiza-se, passo a passo, a nossa faculdade de conhecer ou inteligência; em Freud, como são gerados os sintomas neuróticos, na história da vida afetiva infantil, considerando-se as pressões instintuais (a sexualidade) e sua administração nas relações interpessoais. Tanto Piaget como Freud foram levados à necessidade de explicar, no acompanhamento da história de desenvolvimento das crianças, como estas chegam à vida adulta e, para isso, ambos acabaram por descrever fases do desenvolvimento (pensando na cognição ou nas relações conflituosas com o outro) que ocorrem desde o início da existência, levando à organização cognitiva e afetiva do ser humano.

Os trabalhos pioneiros de Freud e Piaget tiveram não só seus desenvolvimentos regionais (no campo das teorias cognitivas, no campo das teorias psicanalíticas), mas também abriram caminho para que esse foco na construção de teorias gerais do desenvolvimento fosse dado como um objetivo científico de grande utilidade para a psicologia e suas possibilidades de ação e cuidado com o homem.

Por um lado, as teorias do desenvolvimento têm como objeto, em todas as suas vertentes, os diversos domínios de fenômenos que caracterizam o homem, ou seja, as suas dimensões física, cognitiva e emocional: o domínio *físico* diz respeito ao crescimento do corpo e do cérebro, das capacidades sensoriais, das habilidades motoras e da saúde, nele são abordadas e estudadas as mudanças no tamanho, na forma e nas características corpo; o domínio *cognitivo* se ocupa dos fenômenos da aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio, como ocorrem as mudanças no pensamento, na memória, na resolução de problemas e no desenvolvimento de habilidades intelectuais; e, no domínio dos fenômenos psicossociais ou socioemocionais, são abordadas as emoções,

a personalidade, as relações sociais, atentando ao fato de que o domínio socioemocional inclui mudanças em variáveis associadas ao relacionamento de um indivíduo consigo mesmo e com os outros.<sup>12</sup> O desenvolvimento global do ser humano, seja lá em que perspectiva teórica este seja abordado, necessariamente tem esses três domínios de fenômenos conjugados, ainda que os focos de análise possam, preferencialmente, estar destacando um ou outro desses domínios. Por outro lado, encontramos uma diversidade de teorias do desenvolvimento, construídas em quadros semântico-teóricos díspares, constituindo tipos de teorias. Nos manuais, *grosso modo*, encontramos quatro tipos de teorias: as psicanalíticas; as que se colocam do ponto de vista comportamentalista, como teorias da aprendizagem; as cognitivas; e as teorias biológicas e ecológicas.

Podemos, a título de visualização de um quadro geral, apresentar os diversos tipos de teorias, seus principais representantes (o que indica ou nomeia a perspectiva teórica no quadro da qual o processo de desenvolvimento é pensado e descrito). Além disso, complementando este tipo de análise, poderíamos explicitar o modelo de homem utilizado em cada uma dessas perspectivas, ainda que de maneira sumária e apenas indicativa, dando a ver que sempre há uma ontologia que serve de fundamento e horizonte para a compreensão do processo de desenvolvimento, em cada uma das suas propostas. Quando estiver apresentando cada uma das teorias psicanalíticas do desenvolvimento, ocupar-me-ei, de forma mais detalhada, de explicitar as especificidades dos seus modelos ontológicos. Assim, teríamos:

---

12 Cf. Boyd & Bee 2011, p. 32; Papalia & Feldman 2012, p. 37.



Teorias biológicas e ecológicas a) etologia (Darwin, Lorentz)	Teoria da evolução das espécies, teoria dos instintos e do <i>imprint</i>
b) Teoria do apego (Bowlby)	Determinismo neodarwinista; modos de apego, desenvolvimento de modelos internos de funcionamento
c) Sociobiologia, bioecologia (Bronfenbrenner) (consideração de # contextos)	Desenvolvimento pensado em função de diversos contextos que se sobrepõem, tal como círculos concêntricos, cada vez mais amplos

Nesse contexto, ou seja, no quadro desses manuais, temos também uma apresentação cronológica do que seriam as principais fases do desenvolvimento, marcando, assim, campos específicos para o trabalho analítico destes fenômenos, como se segue:

#### Quadro 1.2 – Apresentação cronológica das principais fases do desenvolvimento

FASES	CRONOLOGIA
<i>Pré-natal</i>	Da concepção ao nascimento
<i>Primeira Infância</i> (do nascimento ao início do uso da linguagem para se comunicar)	0-3 anos
<i>Segunda Infância</i> (do uso/linguagem até o ingresso da criança na escola ou em algum outro tipo de treinamento social)	3-6 anos
<i>Terceira Infância</i> (meninice)	6-11 anos
<i>Adolescência</i>	11-20 anos aproximadamente
<i>Início da Vida Adulta</i>	20-40 anos
<i>Vida Adulta Intermediária</i>	40-65 anos
<i>Vida Adulta Tardia</i>	65 anos em diante

No quadro 1.1, duas lacunas importantes chamam a atenção: uma no campo das teorias cognitivistas e outra no campo das teorias psicanalíticas do desenvolvimento. Primeiro, a ausência de Henry Wallon, na sua proposta de compreensão de uma *psicogênese da pessoa* como um todo, como uma perspectiva significativa que não foi considerada, mas que tem presença considerável nos pesquisadores que se dedicam ao estudo da educação.<sup>13</sup>

No que se refere a Wallon, ele tem sido autor de grande importância para os educadores e sua ausência é uma questão a ser elucidada: talvez pelo fato de focar sua perspectiva de entendimento da criança e seu desenvolvimento ressaltando os aspectos emocionais, ele não é inserido entre os que estabeleceram perspectivas desenvolvimentistas cognitivistas (como Piaget e Vygotsky), mas tampouco é considerado numa perspectiva do desenvolvimento socioemocional (talvez por não se encaixar noutras perspectivas teóricas, como a psicanálise, a etologia, o comportamentalismo etc.). As considerações mais sociológicas (como o fato de ser militante de esquerda, tendo integrado o Partido Comunista Francês) são mais difíceis de serem tomadas como fatores explicativos dessa inclusão. O problema fica em aberto para ser abordado por outros autores que tenham mais interesse em Wallon ou nos teóricos de referência da psicologia escolar em sua associação com a área da psicologia do desenvolvimento.

No que se refere aos representantes das teorias psicanalíticas do desenvolvimento considerados nestes manuais, é notável o fato de que eles as reduzem às perspectivas de Freud e de Erikson, sem a consideração de um conjunto de autores e conhecimentos

---

13 Cabe lembrar que Wallon teve uma importância crucial na reestruturação do sistema educacional francês, sendo coautor do plano Langevin-Wallon, que, após a Segunda Guerra Mundial, estabeleceu parte da estrutura educacional de excelência que vigora ainda hoje.

acumulados em quase um século de trabalho por outros psicanalistas, sem considerarem propostas desenvolvimentistas mais evidentes (como as de Margaret Mahler e Donald Winnicott) e, mais ainda, sem a inclusão de uma série de contribuições que têm sido efetuadas nessa área (como as feitas por Melanie Klein, Lacan, Bion, para citar aqui apenas os psicanalistas clássicos pós-Freud). É também interessante notar que, apesar de nunca ter deixado de ser psicanalista, John Bowlby é colocado noutra rubrica, díspar da psicanálise.

Como já citei, temos alguns poucos livros dedicados às teorias psicanalíticas do desenvolvimento,<sup>14</sup> mas nesses livros (que não se colocam em diálogo com esta área da psicologia dedicada às teorias do desenvolvimento) não há uma distinção clara entre as propostas psicanalistas desenvolvimentistas e as que fazem contribuições de outros tipos. Parece-me que estes livros consideram que a psicanálise já é, nela mesma, uma teoria do desenvolvimento e, certamente, a psicanálise fornece compreensões importantes sobre o desenvolvimento, mas, a meu ver, são apenas alguns psicanalistas que se propuseram a apresentar uma teoria plena do desenvolvimento, especificando fases, colocando-as sequencialmente no tempo, articulando e descrevendo o processo (aquisições e tarefas) de uma fase para a outra. Dedico-me, então, agora, a aprofundar a compreensão deste aspecto do problema, para apresentar quais serão as teorias (autores) objeto de meu estudo, seja em termos teóricos, seja em termos fenomenológico-descritivos.

---

14 Golse 2008; Palombo, Bendiczen & Koch 2010; Tyson & Tyson 1990.

### *1.3 Teorias psicanalíticas do desenvolvimento: distinções e proposta de uma matriz de análise crítico-comparativa*

Considerando que uma teoria do desenvolvimento implica a consideração de fases que se sucedem, estabelecendo dinâmicas de forma cada vez mais complexa nos modos de ser-estar-relacionar-se do ser humano, não me parece plausível afirmar que todas as propostas de desenvolvimento teórico e prático da psicanálise possam ser inseridas nessa definição. Depois de Freud, é fato que Karl Abraham ampliou a compreensão do que ocorria na fase oral e anal do desenvolvimento, que Ferenczi enriqueceu a compreensão das fases mais primitivas do desenvolvimento, que Melanie Klein reformulou a compreensão estrutural dos modos de relacionamento objetal (com a proposta das posições esquizoparanoide e depressiva) e que Lacan, ao reformular a metapsicologia psicanalítica, influenciado pelo estruturalismo (de Lévi-Strauss e Saussure), rejeitou o pensamento desenvolvimentista na psicanálise, colocando em evidência o lugar da linguagem e as dimensões existencial-relacionais do Real, do Imaginário e do Simbólico. Isso configura um cenário no qual temos muitos desenvolvimentos da teoria e da prática psicanalítica, mas, ainda que muitos aspectos importantes tenham sido iluminados, nem todos eles poderiam apresentar uma teoria sistêmica dedicada a acompanhar (teórica e descritivamente) o processo que leva um bebê imaturo a chegar a ser um ser humano amadurecido nas suas capacidades cognitivas e afetivas.

Proponho fazer uma lista, seguindo a história do desenvolvimento das ideias na psicanálise, julgando e caracterizando aqueles que efetivamente propuseram teorias do desenvolvimento, aqueles que desenvolveram as perspectivas já dadas e aqueles que, mesmo tendo contribuído de forma profunda (às vezes, estrutural) para

a teoria e a prática psicanalítica, não deveriam ser caracterizados como autores de propostas desenvolvimentistas. Assim teríamos, no Quadro 1.3, essas distinções, colocando em negrito aqueles que avalio terem apresentado plenas teorias do desenvolvimento:

Quadro 1.3 – Principais teorias do desenvolvimento (quadro)

<b>S. Freud (1856-1939)</b>	Teoria do desenvolvimento da sexualidade (TDS)
K. Abraham (1877-1925)	Expansões TDS
S. Ferenczi (1873-1933)	Expansões TDS
M. Balint (1896-1970)	Expansões TDS
<b>Anna Freud (1895-1982)</b>	Teoria do Desenvolvimento do Ego <i>Psicologia do ego</i> (E. Kris [1900-1957], R. Loewenstein [1898-1976], H. Hartmann [1894-1970], H. Kohut [1913-1981])
René Spitz (1887-1974)	Epistemologia genética Construída com base em Freud, A. Freud, Montessori, embriologia, fornecendo a compreensão de marcos do desenvolvimento do Ego e das relações objetais
<b>E. Erikson (1902-1994)</b>	Teoria do desenvolvimento psicossocial Construída a partir da metapsicologia freudiana, redescrita em função da consideração das determinações culturais e de uma modificação na linguagem e nos fenômenos centrais em cada fase do desenvolvimento, para caracterizá-las em termos mais diretamente ligados a sentimentos humanos, como confiança, vergonha etc.
M. Klein (1882-1960)	Redescrição das fases do desenvolvimento e caracterização de dinâmicas estruturais presentes nas relações-objeto desde o início, com a sua teoria das posições
R. Fairbairn (1889-1964)	Proposta de reformulação dos fundamentos da metapsicologia freudiana, considerando que a libido procura objetos e não propriamente o prazer; aproxima-se, assim, de uma ontologia de perspectiva darwinista

<p><b>J. Bowlby (1907-1990) e M. Ainsword (1913-1999)</b></p>	<p>Teoria do apego Reconhecendo deficiências na teoria freudiana que explica as ligações e rupturas de ligação mais primitivas, e influenciado principalmente pelo darwinismo moderno e a teoria do <i>imprint</i> (da etologia), modificou a metapsicologia psicanalítica, introduzindo a teoria do apego (que torna a teoria das pulsões uma expressão secundária). Essa perspectiva estabelece uma nova perspectiva desenvolvimentista, focada no modo como o apego se desenvolve.</p>
<p><b>M. Mahler (1897-1985)</b></p>	<p>Teoria da individuação-separação Introduz (no quadro da metapsicologia freudiana) uma compreensão do desenvolvimento primitiva diferente da de Freud (com a consideração da fase autista normal e da fase simbiótica). Seus estudos vão na direção da compreensão mais detalhada da origem das psicoses.</p>
<p><b>D. Winnicott (1896-1971)</b></p>	<p>Teoria do desenvolvimento do ser focada na questão da dependência Elaborada com foco na compreensão das relações de dependência, com a modificação da explicação das fases e suas dinâmicas (dependência absoluta, relativa etc.) e da inserção da noção de ser na psicanálise, que modificou a ontologia freudiana.</p>
<p><b>J. Lacan (1901-1981)</b></p>	<p>Recusa da psicanálise como uma teoria do desenvolvimento (perspectiva estruturalista).</p>
<p><b>W. Bion (1897-1979)</b></p>	<p>Desenvolvimento do modelo kleiniano focado em dinâmicas e fenômenos fundamentais.</p>
<p><b>O. Kernberg (1928-)</b></p>	<p>Desenvolvimento do modelo Klein-Bion focado na teorização dos afetos como fundamentos.</p>
<p><b>D. Stern (1934-2012)</b></p>	<p>Teoria do desenvolvimento dos sentidos do self (Psicanálise-Klein-Mahler + teoria do apego + neurociências) Beatrice Beebe (1946-) Stern + <i>attachement</i> (mãe-bebê).</p>
<p><b>Antonio Imbasciati (1936-)</b></p>	<p>Psicologia clínica perinatal. Psicanálise numa nova metapsicologia que considera as neurociências e a teoria do apego.</p>
<p><b>Bernard Golse (1950-)</b></p>	<p>Psicopatologia perinatal (PNN) (Psicanálise + <i>attachement</i> + neurociências + antropologia).</p>

Considerada esta linha da história das ideias na psicanálise, posso, efetivamente, destacar e nomear suas principais contribuições desenvolvimentistas dos psicanalistas, indicando quais perspectivas serão objeto de minha análise neste livro, a saber:

- A teoria do desenvolvimento da *sexualidade* de Freud
- a teoria do desenvolvimento do *ego* de Anna Freud
- a teoria do desenvolvimento das *relações de objeto* de René Spitz
- a teoria do desenvolvimento *psicossocial* de Erik Erikson
- a teoria do desenvolvimento da *individuação* de Margaret Mahler
- a teoria do desenvolvimento como uma teoria do *apego* de John Bowlby
- a teoria do desenvolvimento do ser como uma teoria da *dependência* de Donald Winnicott
- a teoria do desenvolvimento dos sentidos do *self* elaborada por Daniel Stern
- as contribuições da *psicanálise perinatal* para as teorias atuais do desenvolvimento (Antonio Imbasciati, com a psicologia clínica perinatal na Itália; Bernard Golse, Alvarez, e Sylvain Missonnier, na França).

Cabe, ainda, uma ressalva epistemológico-metodológica importante, já comentada anteriormente, mas que deve ser destacada mais uma vez, reafirmando-a no quadro das teorias psicanalíticas do desenvolvimento: não proporei uma síntese ou integração entre as diversas perspectivas. Meu objetivo é apresentá-las de modo a poder ver os fenômenos que tornam possível apreender, compreender e explicar suas dinâmicas e seus determinantes, tendo em vista poder intervir sobre elas ou sobre o que elas geram.

Nessa direção, construí uma matriz de análise histórico-crítica, remetendo, então, todas as teorias do desenvolvimento aos

mesmos campos de problemas para responder, então, às mesmas perguntas de modo a fornecer tanto um padrão de análise como uma perspectiva geral que coloca as teorias em diálogo. A matriz é composta das seguintes variáveis, que são também perguntas:

1. Qual é o problema empírico inicial que serviu de base, problema e referência para a pesquisa e a necessidade da elaboração de uma teoria do desenvolvimento?
2. qual é a perspectiva universal que se amplia a partir do problema inicial e que fornece o foco e a tonalidade da teoria do desenvolvimento formulada e descrita?
3. qual é o modelo ontológico presente na base da teoria proposta?
4. quais variáveis e/ou parâmetros são utilizados para a descrição, compreensão e explicação dos fenômenos nessa perspectiva?
5. qual é o método usado nessa perspectiva, para observação, pesquisa e descrição dos fenômenos do desenvolvimento?
6. quais e como são as fases do desenvolvimento, suas dinâmicas, tarefas, conquistas, inclusive datada em termos cronológicos?
7. que avaliação crítica é feita ou pode ser feita desta perspectiva, ou seja, qual seu valor heurístico?

## *1.4 Referências*

- Althusser, L. (1975). *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro, 1998: Graal, 1998.
- Boyd, D., & Bee, H. (2011). *A criança em crescimento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Bremner, J. G., & Wachs, T. D. (Eds.). (2014). *The Wiley Blackwell handbook of infant development*. Malden: Wiley Blackwell.
- Cobliner, W. G. (1965). A escola de psicologia genética de Genebra e a psicanálise: paralelos e equivalências. In: R. A. Spitz (Ed.). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes.
- Crain, W. (2000). *Theories of development: Concepts and applications*. New York: Prentice Hall, 2011.
- Ellenberger, H. F. (1958). A clinical introduction to psychiatric phenomenology and existential analysis. In: *Existence. A new dimension in psychiatry and psychology*. (pp. 92-124). New York: Basic Books.
- Ellenberger, H. F. (1961). Existencialisme et psychiatrie. In: *Médecines de l'âme: Essais d'histoire de la folie et des guérisons psychiques*. Mesnil-sur-l'Estrée: Fayard, 1995.
- Foucault, M. (1972). *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- Foucault, M. (1976). *La Volonté de savoir* (Vol. I). Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (1977). *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Foucault, M. (1984a). *L'usage des plaisirs* (Vol. II). Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (1984b). *Le souci de soi* (Vol. I). Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (1988). *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Golse, B. (Ed.) (2008). *Le développement affectif et intellectuel de l'enfant: Compléments sur l'émergence du langage*. Issy-les-Moulineaux: Elsevier Masson.

- Heidegger, M. (1983). *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- Hopkins, B., Barr, R. G., Michel, G. F., & Rochat, P. (Eds.). (2005). *The Cambridge encyclopedia of child development*. New York: Cambridge University Press.
- Jaeger, W. (1936). *Paidéia: a formação do homem grego*. Brasília: Martins Fontes/Editora da Universidade de Brasília, 1989.
- Kant, I. (1798). *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- Lerner, R. M. (1976). *Concepts and theories of human development*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.
- Miller, P. H. (1989). *Theories of developmental psychology* (5. ed.). New York: Worth Publishers, 2011.
- Palombo, J., Bendicson, H. K., & Koch, B. J. (2010). *Guide to psychoanalytic developmental theories*. New York: Springer.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2012). *Desenvolvimento humano* (12. ed.). Porto Alegre: McGrawHill e Artmed, 2015.
- Salkind, N. J. (2004). *An introduction to theories of human development*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Steinberg, L. B., Marc, H.; Vandell, D. L., Rook, K. S. (2011). *Lifespan Development: Infance Through Adulthood*. USA: Wadsworth.
- Thomas, R. M. (2005). *Comparing theories of child development*. USA: Thomson Wadsworth.
- Tyson, P., & Tyson, R. L. (1990). *Psychoanalytic theories of development: An integration*. New Haven: Yale Universty Press.



*Este livro tem como objetivo* apresentar e analisar de forma crítico-comparativa as diversas teorias psicanalíticas do desenvolvimento emocional. Trata-se de apresentar cada uma dessas teorias em termos da sua estrutura e de seus objetivos, segundo uma matriz de análise na qual são colocados em foco os fenômenos, os modelos ontológicos, os métodos para construção da teoria e a sua aplicabilidade na resolução de problemas.

No Volume 1, dedico-me a analisar as origens e a consolidação das primeiras propostas de teorias psicanalíticas do desenvolvimento, ocupando-me das perspectivas elaboradas por Sigmund Freud, Anna Freud, René Spitz, Erik Erikson e Margareth Mahler, com um apêndice que procura fazer o mesmo tipo de análise estrutural focado na compreensão do processo de desenvolvimento da nossa faculdade de conhecer por Jean Piaget.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-390-5



9 786555 063905



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Teorias psicanalíticas do desenvolvimento

Estudo histórico-crítico-comparativo

Volume 1 – Origens e consolidação

---

Leopoldo Fulgencio

ISBN: 9786555063905

Páginas: 324

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022

---